

APRENDENDO A ENSINAR POR PAULO OKAMOTTO

Há 30 anos, um operário com o ensino médio completo era considerado como um rei em qualquer ambiente fabril, já que muitos empresários davam preferência a jovens inexperientes, analfabetos ou semi-alfabetizados, para facilitar a sua adaptação à política e metodologia de trabalho da organização. Anos mais tarde, os mesmos empresários se viram confrontados com a necessidade da automação como condição para se manterem em um mercado globalizado e, com as novas tecnologias, a educação ou a falta dela teve de ser enfrentada e passou a ser tratada como parte do negócio.

Hoje, grandes empresas, públicas ou privadas, preparam seus funcionários e montam estruturas de educação para atualizar competências e suprir carências históricas do sistema de ensino formal. Segundo a Confederação Nacional da Indústria (CNI), 80% das empresas investem por conta própria na formação de mão de obra, em treinamentos que podem ir de um curso de idioma ou reforços em português e matemática, até um MBA em gestão no exterior. Estima-se, de acordo com a Associação Brasileira de Educação Corporativa, que mais de 300 organizações brasileiras e multinacionais já possuem sistemas de educação próprios no País, as chamadas universidades corporativas.

A busca permanente pela informação começa a ser verificada também nas micro e pequenas empresas. Inseridos no mesmo mercado globalizado e até bem pouco tempo sem tratamento legal diferenciado, os negócios de pequeno porte surfam como podem nesta onda do conhecimento, já que os seus empresários também aprenderam que, sem ele, dificilmente conseguirão ir mais além.

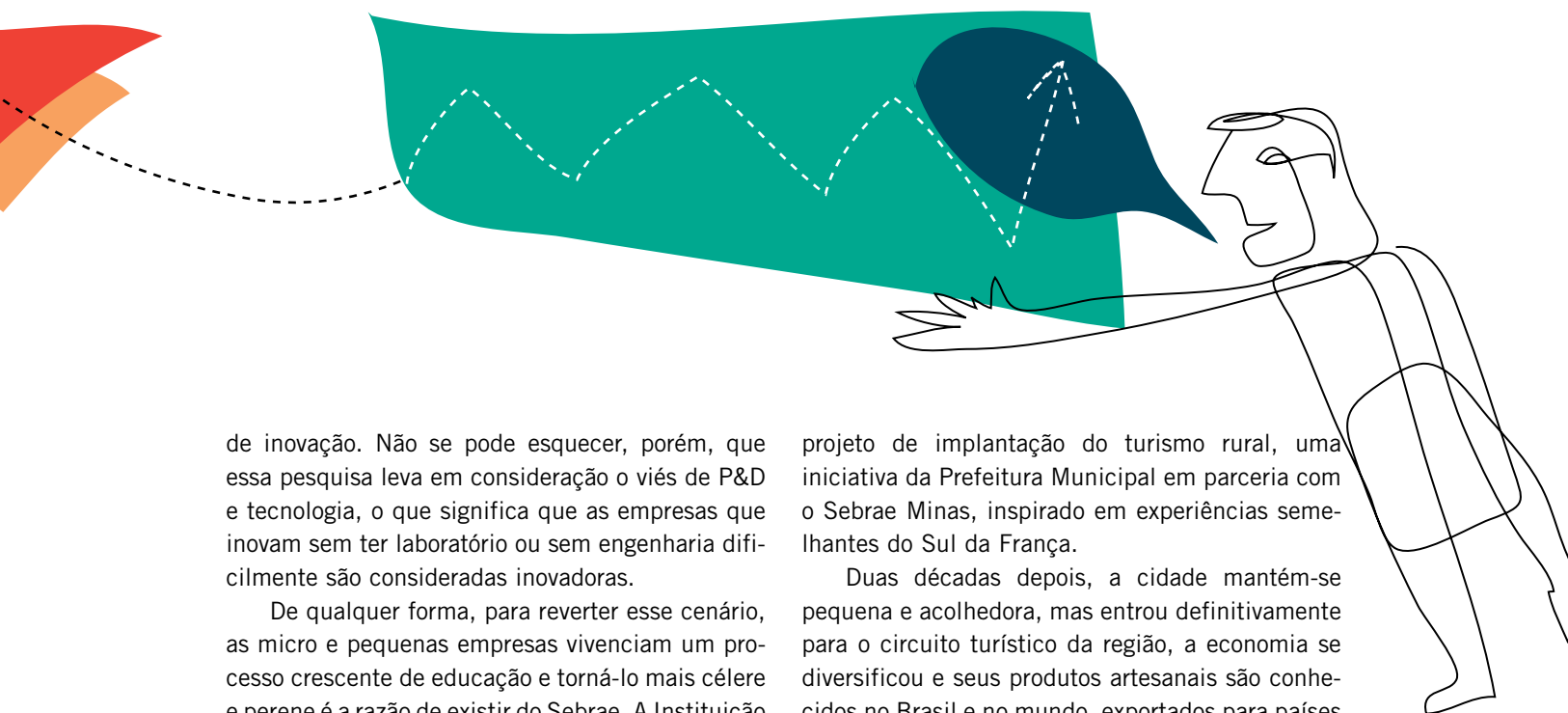
Um dos termômetros para medir esse interesse é a crescente procura pelos produtos e serviços oferecidos pelo Serviço Brasileiro de Apoio às

Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), seja presencialmente ou a distância. O empresário se deu conta que, para melhorar a sua empresa, precisa de educação formal e capacitação empresarial.

Segundo o último Anuário do Trabalho na Micro e Pequena Empresa, divulgado pelo Sebrae e Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) em 2008, o número de analfabetos entre os trabalhadores no segmento diminuiu pela metade entre 2002 e 2006 e, em contrapartida, ampliou-se a quantidade de trabalhadores com nível médio e superior. Em 2006, entre os donos de empresas com dois anos de funcionamento, quase 50% cursavam ou estavam concluindo um curso superior. Um verdadeiro exército de empreendedores estudantes, característica bem brasileira de números superlativos. Existem hoje em nosso País, 5,6 milhões de micro e pequenas empresas formais e, estima-se, 11 milhões de empreendimentos informais.

Para a sobrevivência de tantos negócios, mercado é o que não falta, mas para manterem-se competitivos é fundamental ter informação para inovar, agregar valor a produtos e serviços, ampliar sua atuação e crescer. A inovação é condição essencial para a competitividade, uma constatação que já se tornou mantra para empresários de empreendimentos de qualquer porte, mas que está longe da realidade da esmagadora maioria das pequenas empresas e também para muitos empreendimentos mais robustos.

A terceira e última Pesquisa de Inovação Tecnológica (Pintec) divulgada pelo IBGE em 2007, referente aos anos de 2003 a 2005, demonstra que apenas um terço das empresas brasileiras registrou alguma inovação no período e, mais uma vez, quanto menor o porte da firma, menor a taxa



de inovação. Não se pode esquecer, porém, que essa pesquisa leva em consideração o viés de P&D e tecnologia, o que significa que as empresas que inovam sem ter laboratório ou sem engenharia dificilmente são consideradas inovadoras.

De qualquer forma, para reverter esse cenário, as micro e pequenas empresas vivenciam um processo crescente de educação e torná-lo mais célere e perene é a razão de existir do Sebrae. A Instituição trabalha para mudar a cultura do empreendedor e do empresário de pequenos negócios e levar a ele a consciência sobre a necessidade do aprendizado, troca de experiência e inovação, como fator preponderante para a competitividade.

O empresário da micro e pequena empresa administra, vende, muitas vezes produz, faz a contabilidade e tenta acompanhar as tendências do mercado. E quando sobra tempo para a gestão, pensar estrategicamente o negócio, saber o melhor momento de crescer, ampliar mercados e inovar em algum produto ou serviço?

Um dos maiores desafios do Sebrae é fazer chegar o conhecimento a esse empreendedor e empresário e, para isso, desenvolve produtos adequados à sua realidade e estuda tendências acadêmicas e de mercado, nacionais e internacionais, disponibilizando ferramentas que facilitem o seu trabalho, que o liberem para pensar, inovar e crescer.

Quando o conhecimento está presente, os resultados são fantásticos, já que podemos entender o Brasil com um caldeirão de experiências diversas e exitosas. Dois exemplos bem distintos dão a real dimensão da importância da informação em qualquer tipo de atividade produtiva e podem ser conhecidos no Sul de Minas Gerais.

Maria da Fé, na Serra da Mantiqueira, sempre foi famosa pelas temperaturas mais frias do Estado, mas o potencial turístico da cidade era pouco aproveitado em função da falta de infraestrutura. A sobrevida das fazendas partiu de um

projeto de implantação do turismo rural, uma iniciativa da Prefeitura Municipal em parceria com o Sebrae Minas, inspirado em experiências semelhantes do Sul da França.

Duas décadas depois, a cidade mantém-se pequena e acolhedora, mas entrou definitivamente para o circuito turístico da região, a economia se diversificou e seus produtos artesanais são conhecidos no Brasil e no mundo, exportados para países como Alemanha, China e Dinamarca.

A pouco mais de 50 quilômetros de distância dali, Santa Rita do Sapucaí, conhecida como o Vale da Eletrônica, respira tecnologia e tornou-se um pólo da informática pela persistência de uma moradora em investir na educação. Ao fundar, em 1958, a primeira escola técnica de eletrônica da América Latina, Dona Sinhá Moreira determinou o futuro do município, que logo depois ganhou o Instituto Nacional de Telecomunicações (INATEL) e a Faculdade de Administração e Informática.

Com mão de obra tão qualificada, a cidade tomou novos rumos na área tecnológica, criando ambiente para que os alunos ali formados permanecessem com suas idéias e projetos, criando novas indústrias, que passam a dar o tom do desenvolvimento à cidade. Hoje, são mais de 130 empresas de base tecnológica, de pequeno e médio porte, que, juntas, faturaram R\$ 1 bilhão em 2008.

O caminho é longo e nada fácil, mas já apresenta avanços consideráveis. Quanto mais instituições aprenderem a ensinar com o foco nos processos produtivos e na educação libertária, preconizada por Paulo Freire, melhores serão os resultados apresentados. A informação e o conhecimento são palavras-chave para os milhões de empreendedores e empresários brasileiros. É o que abre mercados, traz inovação e faz girar a economia.

PAULO OKAMOTTO é Diretor-Presidente do Sebrae Nacional.